

IMAGENS DE ORDEM

Por: Jorge Luís Mialhe*

Imagens de ordem. A doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922-1935).
Autor: Romualdo Dias.
Ed. da UNESP, 1996 (161 p.).

O livro de Romualdo Dias, apresentado originalmente como tese de doutorado em Filosofia Política no IFCH-UNICAMP, representa uma importante contribuição para a compreensão do pensamento e da ação conservadora da Igreja Católica, do final da República Velha aos meados da década de 30.

Já na introdução, o autor esclarece tratar-se de um trabalho que se "inscreve no debate entre catolicismo e modernidade" (p.17). Esse debate permanece extremamente atual na medida em que a Cúria Romana, neste final de milênio, tem desenvolvido toda uma estratégia de ação e avocado para si o controle sobre a produção teológica

instrumentalizada pelas organizações populares da América Latina, compromissadas com a transformação social e a busca de justiça no continente.

Romualdo Dias encontrou na história republicana brasileira um período no qual "a hierarquia católica empreendeu esforço para definir o papel do catolicismo na sociedade brasileira" utilizando e divulgando "argumentos e princípios elaborados pelo poder eclesiástico central e pelo pensamento católico contra-revolucionário europeu do século XIX" (p.19), que visava à "reconstrução da civilização e restauração do controle papal sobre a sociedade humana, em sua forma teocrática" (p.31). Como lembra o autor,

* O resenhista é professor do Departamento de Educação da UNESP, Campus de Rio Claro, e membro do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp.

"esta Igreja, que investiu tantas energias no combate à modernidade, desgastando-se na destruição de seus inimigos, não foi capaz de elaborar propostas que contribuíssem para o desenvolvimento de relações razoáveis com a sociedade emergente" (p.49).

A partir de um rico conjunto de fontes primárias (entre elas todas as Cartas Pastorais publicadas pelos bispos do Brasil entre 1890 e 1943), o autor nos apresenta a formulação da doutrina dos intelectuais católicos brasileiros e sua propagação pelos movimentos religiosos de massa, como os congressos eucarísticos. Nesses, como em outros movimentos de massas, produzia-se a "possibilidade do fiel experimentar a sua pequenez, em contraposição à grandeza do evento. A massa se prestaria a uma expressão do sublime (...) [o que] produziria gestos de humildade, em cada indivíduo, e gestos de submissão, da multidão de fiéis, diante da autoridade religiosa ou política" (p.131). Paralelamente, mostra o autor, quando a Igreja demonstrava sua força, por meio dos movimentos religiosos, proporcionando o desfile das massas pelas ruas, ela não enfrentava apenas o Estado; ela entrava em

confronto com outros poderes em ação no cotidiano da sociedade brasileira.

A personalidade central do livro é o líder do episcopado brasileiro, D. Sebastião Leme. Arcebispo e cardeal do Rio de Janeiro, lançou no ano do Centenário da Independência seu programa político-pastoral. Esse programa contou com a intensa colaboração de intelectuais do Centro Dom Vital, com destaque para Jackson de Figueiredo, cuja reflexão acerca do mundo moderno levaria os católicos a assumirem uma atitude de reação contra a revolução: "todo católico deve ser necessariamente um contra-revolucionário, um inimigo declarado da revolução", dizia ele, "de modo que um verdadeiro católico será uma ameaça ao mundo moderno" (p.71). Na visão de J. de Figueiredo, para fazerem o contrário da revolução, os católicos deveriam usar os mesmos instrumentos utilizados por seus inimigos.

Assim, o discurso religioso estabelecia uma polêmica doutrinal com leitores eruditos, fossem eles os positivistas localizados no governo republicano, fossem os intelectuais comunistas rondando os movimentos operários e/ou os sindicais, sempre

tendo em mente que a liberdade, conforme os princípios da obra restauradora católica, consistia na ordem, na obediência ao governo, no respeito à lei e na subordinação à autoridade.

Romualdo Dias destaca que em 1922, ao lado da Semana de Arte Moderna e da eclosão do movimento tenentista, observa-se a revolução espiritual, liderada por Jackson de Figueiredo, e realizada, como entende o autor, “em sentido contrário à emancipação do homem na perspectiva da conquista da maioria” (p.29).

Como bem conclui o autor, a conquista da maioria “implica permanente tensão entre os princípios da liberdade e da autoridade. A vivência desta tensão fica prejudicada em uma consciência apavorada com a divulgação de uma ordem absoluta, apresentada como perfeita, e com a propagação

desenfreada de que a desordem é o caos, negatividade, é prejudicial à vida. A indefinição, no ser humano, não é negatividade, é co-essencial, parte de sua materialidade. A aprendizagem de uma vivência saudável desta tensão é um elemento fundamental para criar as bases de uma consciência apta ao permanente debate nos processos democráticos (...). A intolerância constitui obstáculo aos processos democráticos. Consciências tuteladas pelo terror do sublime são de início impedidas de desenvolver disposições para a convivência com as incertezas, inerentes aos processos contínuos de debate sobre as normas sociais” (p151-2). Trata-se, enfim, de um trabalho de excelente qualidade, eleito, dentre inúmeros outros textos, para integrar a série *Prismas* do projeto *Edição de textos de docentes e pós-graduados* da UNESP